

Gente de PALAVRA

revista n° 45

**Carlos
Felipe
Moisés**



Claudinei Vieira

Adélia Einsfeldt Adilson Roberto Gonçalves Ana Dos Santos Babi Baracho Bárbara Sanco
Benette Bacellar Carlos Felipe Moisés Cesar Carvalho CFBB Claudinei Vieira Delma
Gonçalves Edison Gil Escobar Franelas Henrique Bastos Henrique Veber Jaime de
Andruart Lenilson Oliveira Lilian Rose Marques da Rocha Lota Moncada Miguel Namaskar
Nádia Estrela Renato de Mattos Motta Ricardo Mainieri Rosa Groisman Rosa Ubal Tatiana
Aline Santana Tatiana Alves Tchello d'Barros Teresinka Pereira Tiago Ceccon Toni

Claudinei escreve. Escreve resenhas, contos, considerações, poemas, pequenos ensaios, elucubrações, entrevistas. Escreve em blogs, sites, portais de literatura, cultura e arte. Organiza seus "Desconcertos de Literatura" e/ou "de Poesia", em vários pontos da cidade de São Paulo: Casa das Rosas, Sebo do Bac, Praça Roosevelt, livrarias, esquinas e bares. Publicou "Desconcerto" em 2008 pela Demônio Negro e, mais recentemente, "Yürei, Caberê" pela Patuá/ProAC.

Dedicando tempo, corpo e alma à escrita, Claudinei Vieira é Gente de Palavra.

claudinei vieira

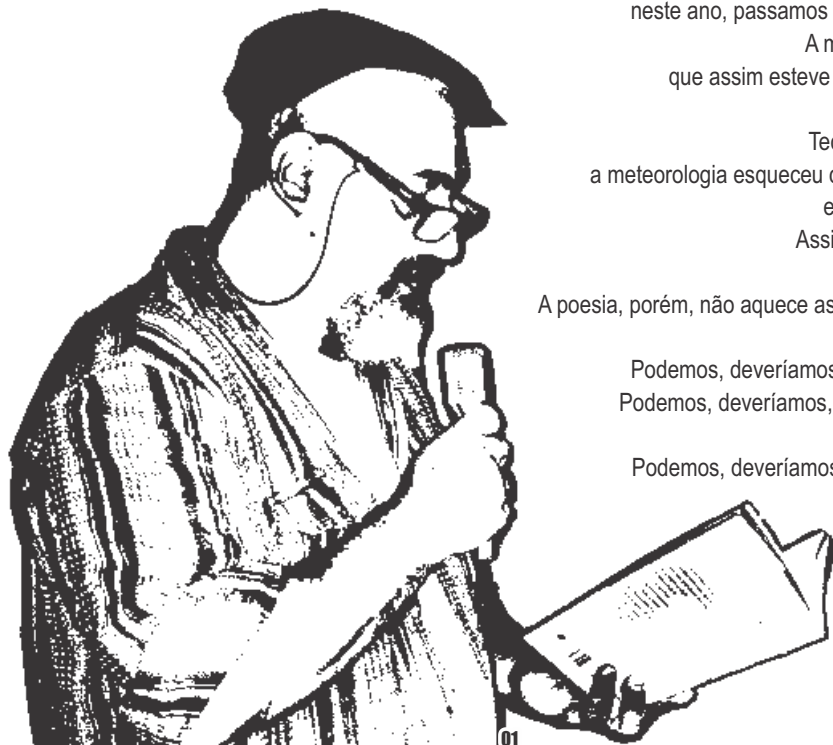
Descongelar ruas

o frio envelhece as ruas de São Paulo, já encarquilhadas de ventos gelados passados incrustados nas torrentes de mendigos descobertos por folhas de linho desbotadas.

Falta poesia em São Paulo, talvez?
Não.

Falta poesia em São Paulo talvez.

RMM



A meteorologia diz neste ano, passamos pela tarde mais fria.

A meteorologia não diz que assim esteve congelada a poesia e pessoas de rua.

Tecnicamente falando, a meteorologia esqueceu das pessoas de rua, ela sempre esquece. Assim como São Paulo.

A poesia, porém, não aquece as avenidas e praças, [sinto dizer.

Podemos, deveríamos, saltar por prédios. Podemos, deveríamos, plantar montanhas.

Podemos, deveríamos, descongelar ruas. Inclusive, o poeta.

Claudinei Vieira
São Paulo – SP

Ao apaixonar-me,
Cupido não me flechou:
Ele deu-me um tiro.

Jaime de Andruart

Porto Alegre - RS

<https://www.facebook.com/jaimedeandruart>



Meio maio

quando qualquer coisa
surge no horizonte
uma mulher avista a música
e dança
feliz
se sou, todos podem

e sem a letra
a palavra é música
aos ouvidos, aos olhos...
o cérebro se engana
e sente tudo como verso
sem poesia
sem nada
apenas luz

Adilson Roberto Gonçalves

Campinas - SP

priadi@uol.com.br

Efeméride do tempo

Um dia o espelho diz que mudamos,
num sussurro delicado
revela-nos traço a traço
a face que o tempo marcou
revelando as marcas deixadas
pelas tristezas e pelas alegrias.
E repentinamente uma verdade
se desnuda.

Deslumbrados reparamos
que tudo o que realmente importou
segue gravado em nossa retina
mudando para sempre
nossa forma de ver a vida.

Bárbara Sanco

Porto Alegre - RS

www.barbarasanco.com

Êxtase

Em frasco
de cristal trincado
exótico perfume
esparge
inebriantes gotas
que o ar evapora
introspectivo

o beijo mistura salivas

perigosos desejos
entorpecidos e confusos
pensamentos
ancorados
em plataforma
desajustada
desestrutura o ser.



Adélia Einsfeldt

Porto Alegre - RS.

adeliaensfeldt@yahoo.com.br

Presumir

Nunca subestima um poeta
enquanto acha que nada entenderei
a cabeça ferve de versos
do que ainda vai vir acontecer
o silêncio, este amigo, sempre fala por mim
o olhar, o toque, tudo parte do processo
é que opto pela calma
dizem que é essa que faz transcender a alma
a minha mente é uma segunda-feira de ressaca

mas, nunca subestima um poeta
não é eu (te) entender
é você (me) sentir.

Tatiana Aline Santana

Campo Mourão – PR
thaty_allyne@hotmail.com

Estupor

entre o que sei
o que intuo
o que sinto
o que vejo
e o que não sei

o estupor

Lota Moncada

Porto Alegre – RS
<http://palavraspalabras.blogspot.com>

Golpe de memória

o que passou
não passou

o que passou
aqui se passou

o que passou
não é passado
não passa

fica
na lembrança

não passa
permanece
na memória

não passa
permanece
se presente
no presente

*Renato de
Mattos Motta*
Porto Alegre – RS



O brado calado

Eu escolto o dia
sob o sol do teu olhar,
no silêncio da magia,
eu deixo a calma me levar,
despistei a cantoria
para contigo me calar,
'vice-versa é meio dia',
eu poderia me expressar,
entretanto, eu não teria
nada a declarar,
é muito mais do que eu sentia,
o que eu sinto sem contar,
amar é poesia...
Que canta sem falar!

Edison Gil

Sorocaba – SP
edison7.gil@gmail.com

Página

no branco da página
nada
e o silêncio
pausa no turbilhão
de um ir e vir
que se faz vida.

pausa

no branco da página
os signos desenham
o silêncio
num ir e vir
se faz texto.

Cesar Carvalho

São Paulo, SP
cacarvalho49@gmail.com.br

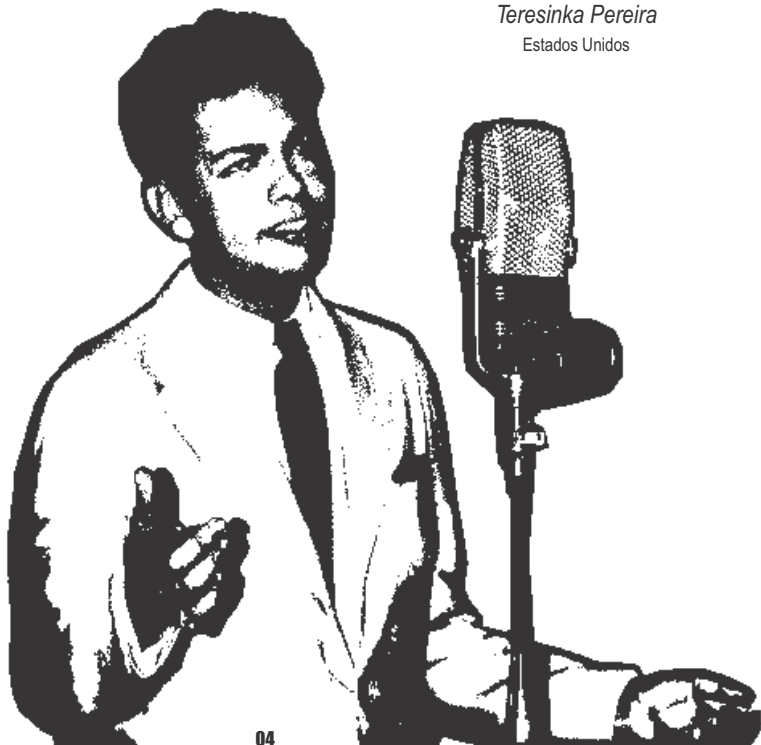
Cauby e a Conceição

(Cauby Peixoto, 10 de fevereiro, 1931 - 15 de maio, 2016)

Vivo ou morto o Cauby
será lembrado em nossa casa
onde temos uma Conceição
que foi sempre o alvo de nossas cantorias:
"Conceição, eu me lembro muito bem
Vivia no morro a sonhar
Com coisas que o morro não tem..."
Mas a minha irmã Conceição
nunca morou no morro nem nunca
se queixou do cantor-compositor,
que agora vai fazer falta
nos palcos do mundo inteiro!
Cauby voltou para o morro do céu
deixando nas cidades
as suas famosas canções.

Teresinka Pereira

Estados Unidos



Noite

porta do quarto fechada
cordão umbilical rompido

e desse útero interino
o que vai nascer amanhã?

lá fora há só os cães que ladram
lá fora ninguém mais vive

luz apagada, morte anunciada
o grito corre, a noite cresce

silenciar, apagar...

amanhã alguém amanhece.

Tiago Ceccon

Porto Alegre – RS
ceccon.t@hotmail.com

Fo.me:

a espera do pão
que o diabo amassou.

Toni

São Paulo – SP



Sou mar

se tu vens, eu avanço
se tu vais, eu recuo
às vezes a gente marola
quando o mar
não tá pra peixe

sou gota e oceano
quando te chamo
tu és mar aberto
sou mar de amor e mudo
de acordo com as marés

Babi Baracho

Natal – RN

Nascido em 1942 em São Paulo, estreou como poeta em 1960 e tem participação em várias antologias poéticas no Brasil e no exterior. Passou a colaborar no “Suplemento Literário” de “O Estado de São Paulo” em 1961 com artigos e resenhas, e em 1962 ingressou no curso de Letras da USP, realizando também seu mestrado e doutorado (1969-1972). Professor universitário, lecionou literatura de língua portuguesa e teoria literária na Faculdade de Filosofia de São José do Rio Preto, SP (1966-1968), na PUC-SP (1967-1970), na Universidade Federal da Paraíba (1977) e na USP (1972-1992).

Viveu na França e em Portugal, como bolsista, e nos EUA, primeiro como poeta residente de Iowa City (1974-1975), depois como professor visitante na Universidade da Califórnia, Berkeley (1978-1982) e na Universidade do Novo México (1986).

Como crítico, dedica-se especialmente à poesia moderna e contemporânea com relevantes trabalhos sobre Cesário Verde, Fernando Pessoa, Mário Cesariny, Antonio Maria Lisboa, José Gomes Ferreira, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto entre outros.

Entre seus livros publicados destacam-se: “Poesia e realidade” (1977), “Literatura, para quê?” (1996), “Poesia não é difícil” (1996), “O desconcerto do mundo” (2001), “Poesia e utopia” (2007), “Poesia faz pensar” (2011), “Tradição e ruptura (2012), “Balaio: alguns poetas da geração de 60” (2012), “Frente & verso” (2014), “O livro da fortuna” (1992), “A deusa da minha rua” (1996). Como tradutor, verteu para o português, entre outros, “Tudo que é sólido desmancha no ar” (1986) de Marshall Berman, “Que é a literatura?” (1989) de Jean Paul Sartre, “O poder do mito” (1990) de Joseph Campbell, e reuniu no volume “Alta traição” (2005) traduções de vários poetas modernos e contemporâneos, de língua inglesa, francesa e espanhola. Estreou como contista com “Histórias mutiladas” (2010, Prêmio Governo do Estado de Minas Gerais). Livros de poemas: “A poliflauta” (1960, Massao Ohno Editora), “O signo e a aparição” (1961, Massao Ohno Editora), “A tarde e o tempo” (1964, Edições Roteiro), “Carta de marear” (1966, edição do autor), “Poemas reunidos” (1974, Cultrix), “Círculo imperfeito” (1978, Fundação Cultural do Estado da Bahia), “Subsolo” (1989, Massao Ohno Editora), “Lição de casa & poemas anteriores” (1998, Nankin Editorial), “Noite nula” (2008, Nankin Editorial), “Disjuncta membra” (2014, Lumme Editor) e de 2016 “Dádiva devolvida, poemas escolhidos” (Lumme editor).

Por uma vida dedicada à palavra, escrita e falada, Carlos Felipe Moisés é Gente de Palavra.

Carlos Felipe Moisés



Coração endurecido (I)

*Frères humains qui après nous vivez
N'ayez les cœurs contre nous endourcis.
François Villon*

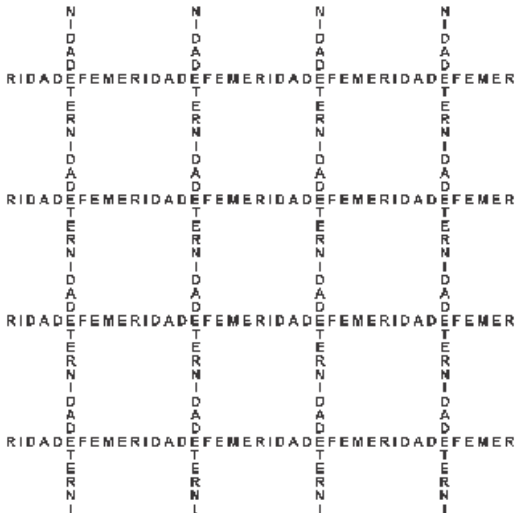
Pobre coração envilecido
(humano/desumano), se o tivesse assim,
contra quem seria endurecido
senão contra mim?

Amar, como se fosse
eterno,
o coração também ama o duro como o doce,
desfeitos num só amor fraterno.

Não sei se amei o que era em mim desejo
de me ver no outro refletido.
Sei que amei, sempre amei, e vejo
que de amar tenho hoje o coração
endurecido.

*Carlos Felipe Moisés
São Paulo – SP*

EfêmeroEterno



Tchello d'Barros
Rio de Janeiro – RJ

Tango renegado

Rosa Escarlata
transformada
em pedra Rubí.
Tiempos pasados,
pasando como
perfume sutil...
Trayendo recuerdos,
sonrisas estampadas,
un filme sin fin...
Boca reseca,
un gusto extraño,
y la mirada
perdida por ahí...
Rebobinando,
memoria viva,
actualizando,
todo está en mí...
Y proyectando
en músculos tensos,
pasos de danza
nerviosa y viril.

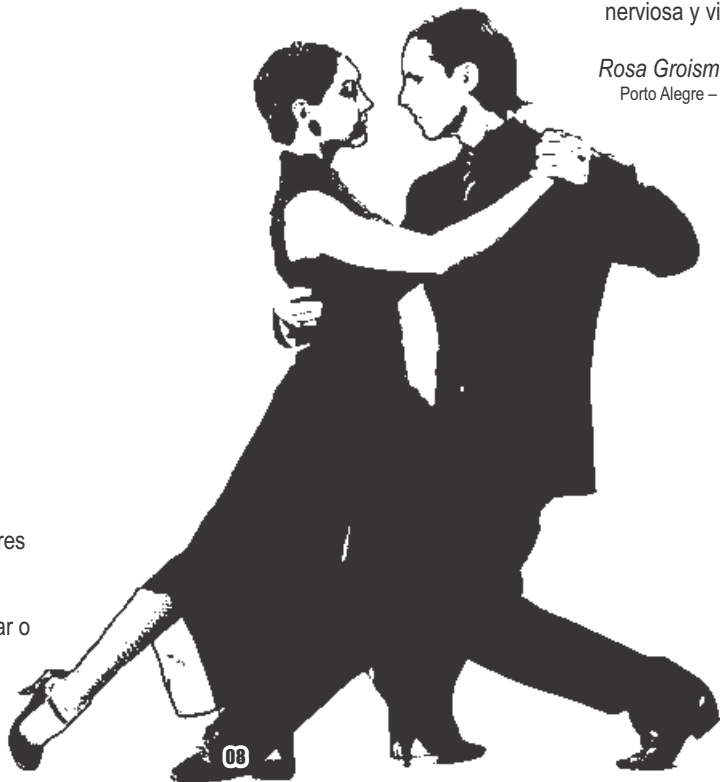
Rosa Groisman
Porto Alegre – RS

Escrevi para você

Escrevi para você
Em forma de poesia
Versos que traduzem
O que eu também não sabia

Não se iluda com meios amores
Muitos ainda virão
Meio prato não enche barriga
Meio amor não faz transbordar o
coração.

Henrique Bastos
Santo André, São Paulo
www.facebook.com/bastoshb



você posa: eu flash
posuo meus olhos
tu me flechas

Escobar Franelas

São Paulo – SP

<https://pt-br.facebook.com/escobar.franelas>



Eclética via...
Sua geografia dança...
Requebra curvas sensuais
Namora ruas transversais
Em estado de cio revela-se suburbana
Faz-se humana em mudos gritos de assalto
Com olhos e bocas fixos no chão, seu palco
Acoplam-se os seios no asfalto
As pernas torneadas se embrenham pelas relvas e grammas
Os pés calçam históricos pensamentos e planos
De sorriso sonorizante
Nevrágico corpo agonizante
Desliza seu murmúrio caótico
Nos buracos e becos
Urbanos

Delma Gonçalves

Porto Alegre – RS

Apropriação indébita

O poeta é um criminoso,
Delinquente menestrel.
Assume o tom mais choroso
E desagua no papel.

Mesmo aquele que é cioso
Não terá jamais perdão.
Pega o bem mais valioso
Para usar em sedução.

Usa do tom mais fecundo
Pra falar de desenganos.
Com seu verso mais profundo,
Torna-nos todos insanos.

Este reles vagabundo
Peregrina pelas ruas,
Recolhe as dores do mundo
E as toma como suas.

Tatiana Alves

Rio de Janeiro – RJ

tatiana.alves.rj@gmail.com

O ser não gira

no ventre da noite uiva o silêncio
dos homens
que tentam apagar feridas
que irrompem do cerne da pele

insuspeitos os olhos
que brilham no interior da alma
que se extravasam para além do infinito
e sucumbem no abismo
onde os ventos gemem

o ser não gira
estremece no eco do vento
estaciona no tempo
cansado da sombra que o esconde

a noite na sua rude nudez
invade o silêncio ruidosamente
dispersando o grito da fome
tingido de dor

CFBB
Alcochete – Portugal

Madrugada

toda madrugada
guarda em si
o tudo e nada
que se fundem
em ontem e amanhã
e nos confundem

Lenilson Oliveira
Cajazeiras – PB
[facebook.com/lenilsonoliveiracz](https://www.facebook.com/lenilsonoliveiracz)



Felicidade

fórmula da felicidade:
do não...
não lembrar o triste
não curtir a dor
não pensar no que já passou
não sonhar com o impossível
não querer o que não pode alcançar
não chegar cedo
não chegar tarde
não deixar pra depois
não procurar o motivo
não ser o motivo
não tentar mudar o mundo
não achar que mudar os homens resolve
não achar que resolve...
não ter o não como reposta...
não ter o nunca como tempo
não ter o tempo como nunca...
esvaziar a mente a cada fim de jornada
iniciar cada jornada como a primeira
curtir cada primeira como a única...
ou a última...ou a próxima...ou a melhor...até a próxima.
e viver cada segundo
pois cada segundo é o nunca mais...
e cada segundo pode ser o sempre...

Nádia Estrela
Torres – RS

Delírios da alma

Da brutalidade dos dias
Da aridez da noite
Mil navalhas me perpassam
Em cinzas o corpo se faz

Por sobre os destroços
Sedenta e solitária
Entre vales e montes
No silêncio do espaço
E agito do tempo

Minha alma exausta procura
Um olhar de ternura
No rosto da paz

Rosa Ubal

Em respeito ao Pessoa

Venho a pedir humildemente
Que me perdoe Caiero
Se só vê em minha semente
Explicação ou desespero

Eu não penso a natureza
Em rebeldia a tal poeta
Seu sentir minha alma preza
Sua humildade, a minha meta

Se o todo e tudo é somente
O que é e nada mais
Filtrar tudo em minha mente
Só disso é que sou capaz

Peço licença ao Pessoa
Para cumprir meu destino
De entender até o que voa
Como um curioso menino

Se tudo é simples e mais nada
Como bem dizes tu, poeta
Sou curva torta, complicada
Que sonha em ser a curva reta

Miguel Namaskar
São Paulo – SP

Poerotisa

Nem
ninfomaniaca
nem
simulacro erótico.
Poetizando
com a vida.
Erotizando
com as palavras.
Lambendo
a língua portuguesa.
Arrepiando
os poros
dos leitores.
Sexo
Vida
Revolução poetisa

Ana Dos Santos

estranho o solo que piso
vejo a crueza dos homens
desconstrutores de sonhos

não os quero, são brutos!
tudo desumanizam!

estranho pisar no mesmo chão
os braços abertos, a fronte suando
o medo pulsando nas mãos

as dores, sob os escombros
ainda cheiram ossos de ontem

Benette Bacellar

Porto Alegre – RS



No cair da noite
Ratos comungam
Golpes sórdidos
Migalhas aos pobres...
Abundância aos de sempre
Ironia e hipocrisia
Da história mal contada
E deglutida em soluços
Por uma maioria maltrapilha,
Surrada e abatida
Enquanto belas e recatadas
Dormem em seus lençóis de seda
Subalternas vices
Da meritocracia brasileira.

Lilian Rose Marques da Rocha

Porto Alegre — Brasil

Monólogo a dois

Por que choro?
Não lembro
Pode ser alegria, tristeza,
até dor

Cobras-me resposta?
Não tenho
Cansei de viver à procura
de motivos vãos

Achas que minto?
Não creias
Na inconstância desta vida
já tive tanto gozo
sangrei tantas lágrimas.

Sorrisos e lágrimas
numa dança constante
[e frenética]
Assim soum assim é...

Henrique Veber

Canoas – RS



Escuros tempos

querem do poeta
palavras amenas
versos afetuosos

enquanto
as trevas se instalam

exigem
rimas perfeitas
olhar delicado

enquanto
a liberdade é presa
e senta-se num banco tosco
de delegacia

o poeta
cidadão de seu tempo
não é alheio a isso

e protesta.

Ricardo Mainieri

Porto Alegre – RS

Aviso aos Leitores

*Embora os editores deixem bem claras suas posições,
Gente de Palavra não faz censura ideológica,
sendo assim, os textos aqui publicados refletem a opinião
de seus autores e deles apenas, não dos editores
nem do Coletivo ou do Conselho Editorial.*



Esta edição:
100 exemplares.

Revisão:
Michelle Wisbowski

Projeto gráfico e diagramação:
Renato de Mattos Motta

Redação:
Renato de Mattos Motta e Michelle Wisbowski

Conselho Editorial:
Diego Petrarca, Erivoneide Barros e Michelle Buss

Conselheira Especial para Língua Espanhola:
Lota Moncada

Porto Alegre, junho de 2016.